

DEZ POESIAS DE CESARE RUFFATO TRADUZIDAS EM PORTUGUÊS

Mariarosaria FABRIS¹

- RESUMO: Comentário sobre a tradução de poesias de Cesare Ruffato para o português.
- PALAVRAS-CHAVE: Cesare Ruffato; poesia; tradução.

A tarefa do tradutor é sempre ingrata, uma vez que ele põe sua destreza em manejar palavras a serviço da expressão de outro. O tradutor, assim como o autor, participa de um ato de criação, mas tem que ter a humildade de saber abafar a própria voz para que o eco do canto original possa ser escutado.

Se traduzir é um desafio perene, esse desafio torna-se ainda maior quando se trata de lidar com composições poéticas. Desde 1998, tenho-me dedicado a divulgar entre nós a obra de Cesare Ruffato, poeta italiano contemporâneo, seja em congressos de tradutores ou de italianistas, seja em publicações (*Cult-Revista Brasileira de Literatura e Cadernos de Literatura em Tradução*).

Cesare Ruffato estreou como poeta em 1960 com *Tempo senza nome*, ao qual se seguiram numerosas publicações, dentre as quais as recentes *Etica declive* (1996) e *Saccade* (1999). Natural de San Michele delle Badesse (Pádua, Vêneto), onde nasceu em 1924, escreveu também poesias na língua local (dialeto), a maior parte delas reunidas no volume *Scribendi licentia* (1998).

Médico e docente de Radiologia e Radiobiologia, Ruffato traz em sua poética a marca do próprio ofício, pois não são raras as vezes em que suas composições trazem palavras emprestadas da anatomia, da fisiologia, da medicina. Por exemplo, nas poesias aqui apresentadas, há termos como [*gamba*] *acquosa* = [perna] aquosa, em que o adjetivo nos remete imediatamente a humor aquoso [texto 4]; *discromie* = discromias, ou seja, perturbações pigmentares da pele ou dos pêlos; *chila* = quilifica, neologismo verbal ligado à digestão intestinal, que, na tradução, por motivos fonéticos e rítmicos, foi transformado em “arrota” [texto 7].

Se o emprego desses termos causa estranheza no leitor e traz algumas dificuldades para o tradutor, não menos difícil se revela a tentativa de respeitar certos princípios de versificação. Nas composições de Ruffato, em geral, há mais ecos do que rimas, como no texto 2: *atemporale* = atemporal (verso 4), *floreale* = floral (verso 5). Por

¹ Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP – 05508-900 – São Paulo – SP neapolis@bol.com.br

isso, quando surgem as rimas, torna-se imperioso respeitá-las, embora o uso que delas faz o poeta é quase sempre *sui generis*. Vejamos, a seguir, alguns exemplos.

Temos rimas emparelhadas no texto **2**: *balcone* (verso 1) / *pallone* (verso 2), transformadas em avarandado / afortunado; no texto **8**: *cometa* = cometa (verso 9) / *discreta* = discreta (verso 10), e *decadente* = decadente (verso 7) / *lucente* = luzente (verso 8) / *mente* = mente (verso 11) / *sente* = sente (verso 12), nas quais ecoam as rimas encadeadas do início da composição: *presente* = presente (verso 1) / *sfuggente* = fugente (verso 3) / *torrente* = torrente (verso 6).

No texto **6**, às rimas emparelhadas *sementi* = sementes (verso 3) / *recenti* = recentes (verso 4), segue-se, no verso 6, *lamenti* = lamentos, sem que tenha sido possível manter isso em português para não forçar muito a tradução. Nesse texto, as rimas emparelhadas alternam-se ainda com as rimas encadeadas: *tramandate* = herdadas (verso 2) / *diserbate* = capinadas (verso 6) / *screpolate* = rachadas (verso 7), às quais foi possível acrescentar, no verso 5 em português, deserdadas (= *diseredati*), tentando recuperar o que se havia perdido no verso 6, nas rimas em -entes.

Há versos monorrítmicos, raríssimos em Ruffato, no texto **1**: *adolescente* = adolescente (verso 4) / *niente* (verso 5) / *pertinente* = pertinente (verso 6) / *mente* = mente (verso 7), que impuseram a transformação de [*dì*] *niente* (= de nada) em inexistente. Há rimas opostas, no texto **10**: *posto* = posto (verso 2) / *inventano* = inventam (verso 3) / *imposto* = imposto (verso 8) / *grondano* = pingam (verso 9), que obrigaram a dar preferência a soluções do tipo de “o posto de sono” para *il posto del sonno* (= o lugar do sono), que lembra lexias compostas já consagradas na nossa língua, como posto de comando, posto de guarda, posto de saúde, posto de venda, etc. Ou, ainda, preferi “pingam ceromas no molhado”, quando seria possível jogar com o idiomatismo “chover no molhado” para *grondano ceroni sul bagnato*, onde motivos rítmicos e fonéticos levaram a transformar um tipo de maquiagem (*cerone*) em um tipo de unguento (ceroma), ambos à base de cera.

Além disso, há algumas rimas soantes, como nos dois últimos versos do texto **3** (*sviliti simboli* / *patiti gettati* = aviltados símbolos / sofridos jogados) e uma série de aliterações, que procurei manter em cada verso, embora nem sempre nas mesmas palavras nas duas línguas, como a leitura das poesias e de sua tradução poderá demonstrar.

Cesare Ruffato é também um inventor de neologismos e, na medida do possível, tentei acompanhá-lo, inventando, em português, palavras novas, dentro das normas da língua. É o caso de *pontiluce* (= pontes + luz), que preferi transformar em “ponteluzes” [texto **10**]; *slinfano*, terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *slinfare*, criado pelo poeta que traduzi por “deslinfatizam” [texto **7**]; *infantisce*, do inexistente verbo *infantire*, para o qual não ousei criar algo de novo e me contentei com “se infantiliza” [texto **3**]; *cuorefreccia*, para o qual me pareceu que, no lugar da lexia complexa (coraçãoflecha) soaria melhor a expressão “frechado coração”, na qual ecoavam a

designação de Cupido, frecheiro cego, e o título da burla *Suburbano coração*, que me levou à colocação do adjetivo antes do substantivo [texto **2**]

Outra característica de Ruffato é a pontuação reduzida ao essencial, que cria alguns efeitos interessantes, pois, às vezes, em virtude da ausência da vírgula, não sabemos se um adjetivo se refere ao substantivo que o antecede ou ao que o segue, como se fosse uma espécie de adjetivo-farol, como diriam os futuristas. É por isso que procurei respeitar ao máximo a pontuação do original, acrescentando uma ou outra vírgula só quando me pareceu que a compreensão se tornaria muito difícil.

Feitas essas considerações iniciais, passo a palavra ao autor (do qual me fiz intérprete) para que o leitor possa ter uma amostra do universo poético de Cesare Ruffato.

1 *Parole magnetiche camaleonti
credi vanno irretite stagnate.
Non hai da dirti analfabeta
nel corso acidulo adolescente
perché sei gemma di niente
e risali alla luce pertinente
che scopre la vita a sorsi di mente.
Lo sguardo perso in riva al fiume
in attesa della molecola d'acqua
fredda di mare da un millenio circa
partita si fa verbale cilecca.*

Palavras magnéticas camaleões
credos vão enredadas estagnadas.
Não te podes dizer analfabeto
no acidulado curso adolescente
porque es gema inexistente
e te destacas na luz pertinente
que descobre a vida aos sorvos de mente.
O olhar vago na beira do rio
à espera da molécula de água
fria do mar que há cerca de um milênio
se partiu para tornar-se malogro verbal.

2 *Declive il piccolo balcone
al campo felice di pallone
al ponte lucidato neoromano
apriva atemporale stenografia
floreale l'eco di equilibri
sulla siepe di bosso sui vetri
di bottiglia del muro convivino.
Altro sono il cuorefreccia e gote
infantili al riflesso di rime
che avvolge in sé la psiche del cielo
e voci rubate della cute.*

Em declive o pequeno avarandado
ao campo de futebol afortunado
à luzida ponte neo-romana
abria atemporal estenografia
floral o eco dos equilíbrios
na sebe de buxo nos cacos
de vidro do muro divisório.
Outros são o frechado coração e bochechas
infantis no reflexo de rimas
que envolve em si a psique do céu
e vozes roubadas da cutis.

3 *Nel tenue brizzolato infantisce
il genio filosofale per volare
e si scolma la ribellione del giorno.
Il fiume quasi alla fine trema
la corda del senso nascosto.
Il vecchio blu del mare roventa
il corpo dilapidato della terra.
L'incomprensibile esserci scivola
sul vetro in monologhi mai visti.*

*Gli ultimi anni affaticano il sangue
del cigno ironico. Luce ipocrita
dilatata bruscelli sviliti simboli
patiti gettati indietro come un velo.*

No ténue prateado se infantiliza
o gênio filosofal para voar
e se esvai a rebelião do dia.
O rio quase no fim estremece
a corda do sentido escondido.
O velho azul do mar aferventa
o corpo dilapidado da terra.
O incompreensível existir escorrega
no vidro em monólogos nunca vistos.
Os últimos anos pesam no sangue
do cisne irônico. A luz hipócrita
dilatata arbúsculos aviltados símbolos
sofridos jogados para trás feito véu.

4 *Per il poco che ho dato me ne viene
un caos in vite il rosso sconvolto
il piano delle tenebre, il capolavoro
del cuore. Maschere a bocca chiusa
su tracce salvabili, non si sa
più niente di vita breve
La lingua di domani rotola nel greto
per il sasso sapiente che l'assorba.
Insopportabili lo stile graffito
il braccio sudato intorno al capo
la gamba acquosa in amplesso lei su
lui barocca per fare manifesta
la poesia estrema. Insisto vano
sul lume del racconto su
giorni di respiro sgomitati.*

Pelo pouco que dei tive em troca
 um caos de vidas, o vermelho transtornado
 o plano das trevas, a obra-prima
 do coração. Máscaras de boca fechada
 em pegadas salváveis, não se sabe
 mais nada da vida breve
 a língua de amanhã rola no leito
 para que o seixo sábio a absorva.
 Insuportáveis o estilo grafitado
 o braço suado ao redor da cabeça
 a perna aquosa no amplexo ela sobre
 ele barroca para tornar manifesta
 a poesia extrema. Insisto em vão
 sobre o fio do conto sobre
 dias de sopro desenovelados.

- 5 *Nottola maldestra sbriciola fantasm
 nel sentiero della notte pulsa il nesso
 doloroso uomo pensiero verità.
 La brevità della giovinezza affonda
 in goccioline voraci di materia strana
 mancante, il puro moto c'infatua
 nella ruggine dell'aria. Neoforme
 brulicano il lato oscuro dell'amore
 carezze frenetiche ci sfiorano
 rivali tra luna e maree piangendo
 qualche stella o frangia ribelle
 che cadendo scompare dietro la gobba
 semiotica della lingua pennino
 di luce inquieta semispenta
 tra voci pulite originali.*

Desajeitada coruja esmigalha fantasmas
 na senda da noite pulsa o nexo
 doído homem pensamento verdade.
 A brevidade da juventude afunda
 em gotículas vorazes de matéria estranha
 em falta, o mero moto nos encanta
 na ferrugem do ar. Neofomas
 formigam no lado obscuro do amor
 carícias frenéticas nos roçam
 rivais entre lua e mares plangentes
 algumas estrelas ou franjas rebeldes
 que, ao cair, somem atrás da bossa
 semiótica da língua cálam
 de luz inquieta semi-apagada
 entre vozes limpas originais.

- 6 *Senza afferrare il non dovuto
 combina le tecniche tramandate
 colle moderne innova sementi
 secondo le formule più recenti.
 Raddrizza alberi diseredati
 ascolta parole diserbate lamenti
 e dissenso di mani screpolate.
 Nel respiro più soffice delle radici
 attraversa le porte del cielo
 la dimora si allunga al verde nuovo
 e il frutteto per altri succhi
 ameni tra polpa sole e falce
 lunare. L'orizzonte fluttua alto
 ai richiami del cinico sabato.
 Da qualche giorno la luce nel folto
 di pallore ed atomi divisi molto
 mi dice perde dolori nelle stanze.*

Sem captar o não devido
 combina as técnicas herdadas
 com as modernas inova sementes
 segundo as fórmulas mais recentes.
 Endireita árvores deserdadas
 escuta palavras capinadas lamentos
 e dissensão de mãos rachadas.
 No sopro mais macio das raízes
 cruza as portas do céu
 a morada se espicha ao verde novo
 e o pomar por outros sucos
 amenos entre polpa, sol e foice
 lunar. O horizonte flutua alto
 aos chamados do cínico sábado.
 Há dias a luz na densidade
 de palidez e átomos divididos muito
 me diz perdendo dores pelos aposentados.

7 *L'autunno pignola a iosa fatti
 disumani con api e calabroni
 che slinfano fiori in agguato
 stride presenile lungo scale il fiato
 la tele chila uffa abissale
 schiuma tapina prolissità fonda.
 Si scarabocchia le carte ridono
 il sole si alza patetico gioca
 con l'orologio sofisticato snobba
 palinsesto noioso e discromie
 giovanili. La farfalla bruna brezza
 la maglia curiosa delle cose
 emotività dilatata per fortuna
 all'idea eureka di vita altrove.*

Melindra o outono à farta fatos
 desumanos com abelhas e zangões
 que deslinfatizam flores à traição
 pré-senil nas escadas range a respiração
 arrota a tevê ufa abismal
 espuma queixosa proximidade funda.
 Garatuja-se os papéis riem
 o sol se levanta patético brinca
 com o relógio sofisticado esnoba
 programação tediosa e discromias
 juvenis. Mariposa morena move
 a malha curiosa das coisas
 emotividade dilatada por sorte
 ante a idéia heureka de vida alhures.

8 *Madreperla il denso presente
 capelli e guancia canuti sguardo
 sottile sfuggente labbra nel nome
 ovale Rosa che chiede di spegnersi
 in bocciolo tra quadrifogli presso
 un torrente. Come cerbiatta ritma
 il vuoto dell'altro decadente
 solleva il polso d'aria lucente
 le palpebre dell'ultima cometa
 attende un ciao amico, discreta
 al continuo silenzio non mente
 non sa se dura la fine non sente.*

Madrepérola o denso presente
 cabelo e face esbranquiçados olhar
 sutil fugente lábios no nome
 oval Rosa que pede para apagar-se
 em botão no meio de trevos perto

da torrente. Ritma feito cervo novo
o vazio do outro decadente
ergue o pulso de ar luzente
as pálpebras do último cometa
espera um salve amigo, discreta
ao contínuo silêncio não mente
não sabe se dura o fim não sente.

- 9 *I bulbi accurati accosteranno
l'intorno della casa al margine
del bosco ai segni di costellazioni
fuori posto. Spire di clorofilla
ispirano la chiarezza d'ogni voce
il mare sfiorato dal treno
in gallerie stazioni, preludio
d'autunno in foschie dei gialli
di piccoli golfi e valli
l'abbraccio amico alla fine
rincuora la mente rincorsa.*

Os bulbos cuidadosos encostarão
o entorno da casa à margem
do bosque, aos signos de constelações
deslocadas. Espirais de clorofila
inspiram a clareza de cada voz
o mar roçado pelo trem
em túneis, estações, prelúdio
de outono em brumas amarelentas
de pequenos golfos e vales
o abraço amigo no fim
anima a mente perseguida.

- 10 *Tardo ferragosto insinua i lunghi
mesi del distacco e il posto
del sonno. Dissolvenze inventano
pontiluce respiro che unisce
crepuscolo sornione, gialli dubbiosi
se ne vanno in colli virtuali.
Dei due poli l'uno attrae
L'altro repulsa troppo imposto
fatuo il cielo promesso e grondano
ceroni sul bagnato ieratico.*

Verão tardio insinua os longos
meses de separação e o posto
de sono. Dissolvências inventam
ponteluzes respiração que une
crepúsculo manhoso, amarelos dúbios
vão-se embora por morros virtuais.
Dos dois pólos um atraí
o outro repele demasiado imposto
fátuo o céu prometido e pingam
ceromas no molhado hierático.

FABRIS, M. Ten poems by Cesare Ruffato translated into Portuguese. **Itinerários**, Araraquara, n. 21, p. 161-171, 2003.

- *ABSTRACT: Comments on the Portuguese translation of Cesare Ruffato's poems.*
- *KEYWORDS: Cesare Ruffato; poetry; translation.*

■ ■ ■